

## Pelos entremeios da Análise do Discurso: nos fios de Michel Pêcheux

In the web of Discourse Analysis:  
in the threads of Michel Pêcheux

Por los entremeznos del Análisis del Discurso:  
en los hilos de Michel Pêcheux

A travers les entrelacs de Discourse Analysis:  
dans les fils de Michel Pêcheux

Ane Ribeiro Patti \*  
anepatti@hotmail.com

Lucília Maria Abrahão e Sousa \*\*  
luciliamasousa@gmail.com

Dantielli Assumpção Garcia \*\*\*  
dantielligarcia@gmail.com

### Resumo

*Neste texto, buscamos visitar o surgimento da Análise de Discurso teorizada por Michel Pêcheux na Paris da década de 1960, do Maio de 1968. Para isso, retomamos os principais interlocutores com os quais Pêcheux manteve um diálogo (Ferdinand de Saussure, Louis Althusser, Jaques Lacan) e o modo como o filósofo foi, em um entremeio teórico, deslocando conceitos da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise e questionando as evidências (do sujeito, dos sentidos, da história) para fundar um outro modo de inscrição teórica/analítica nas Ciências Humanas e Sociais, no qual a noção de sujeito (afetado pela ideologia e pelo inconsciente), deixada de lado pelo estruturalismo até então vigente, é colocada no centro das teorias.*

**Palavras-chave:** *Análise de Discurso, Michel Pêcheux, Sujeito, Ciências Humanas e Sociais.*

### Abstract

*In this text, we seek to revisit the emergence of Discourse Analysis theorized by Michel Pêcheux in the Paris of the 1960s, in May 1968. To this end, we return to the main interlocutors with whom Pêcheux maintained a dialogue (Ferdinand de Saussure, Louis Althusser, Jacques Lacan) and to the way in which such a philosopher, in a theoretical interval, displaced concepts from Linguistics, Historical Materialism and Psychoanalysis, questioning the evidences (of the subject, of the meanings, of history) to establish another mode of*

\* Centro Universitário Barão de Mauá; Centro Universitário Moura Lacerda; Universidade de Franca. Curso de Graduação em Psicologia

\*\* Departamento de Educação, Informação e Comunicação / Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto / Universidade de São Paulo

\*\*\* Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/ Centro de Educação, Comunicação e Artes

**Como citar:** Patti, Ana Ribeiro; Abrahão e Souza, Lucília Maria & Garcia, Dantielli Assumpção (2017) *Pelos entremeios da Análise do Discurso: nos fios de Michel Pêcheux*. *Psicologia Política*, 17(39), 220-231

*theoretical/analytical inscription in Human and Social Sciences, in which the notion of subject (affected by ideology and the unconscious), left to one side by structuralism until then, is placed at the center of theorizations.*

**Keywords:** *Discourse Analysis, Michel Pêcheux, Subject, Human and Social Sciences.*

### **Resumen**

*En este texto, buscamos revisar el surgimiento del Análisis de Discurso teorizado por Michel Pêcheux en la París de la década de 1960, de mayo de 1968. Para ello, retomamos a los principales interlocutores con los que Pêcheux mantuvo diálogo (Ferdinand de Saussure, Louis Althusser, Jaques (Lacan) y el modo en que el filósofo fue, en un medio teórico, desplazando conceptos de la Lingüística, del Materialismo Histórico y del Psicoanálisis y cuestionando las evidencias (del sujeto, de los sentidos, de la historia) para fundar otro modo de inscripción teórica / analítica en las Ciencias Humanas y Sociales, en el cuallanación de sujeto (afectado por la ideología y el inconsciente), dejada de lado por el estructuralismo hasta entonces vigente, se sitúa en el centro de las teorizaciones.*

**Palabras-clave:** *Análisis de Discurso, Michel Pêcheux, Sujeto, Ciencias Humanas y Sociales.*

### **Resumé**

*Dans ce texte, nous cherchons à revenir sur l'émergence de l'analyse du discours théorisée par Michel Pêcheux dans le Paris des années 1960, mai 1968. Pour cela, nous revenons aux principaux interlocuteurs avec lesquels Pêcheux a entretenu un dialogue (Ferdinand de Saussure, Louis Althusser, Jacques Lacan) et à la manière dont le philosophe a déplacé, théoriquement, les concepts de linguistique, de matérialisme historique et de psychanalyse. et questionner les preuves (du sujet, des sens, de l'histoire) pour fonder une autre voie d'inscription théorique / analytique dans les sciences humaines et sociales, où la notion de sujet (affecté par l'idéologie et l'inconscient), laissée de côté par le structuralisme jusqu'alors en vigueur, est placé au centre des théories*

**Mots-clés:** *Analyse du discours, Michel Pêcheux, Sujet, Sciences humaines et sociales.*

## Dizeres Iniciais: Michel Pêcheux e a Análise de Discurso

“[...] “você não me procuraria se já não tivesse me encontrado”” (Pêcheux, 2009a, p. 78)

“Diz-se ali correntemente – não me procurarias se já não tivesses me achado. O já achado está sempre por trás, mas atingido por algo da ordem do esquecimento” (Lacan, 1998, p. 15)

Nosso escrito tem por objetivo refletir sobre a fundação da teoria do discurso, afetada pelo modo como Michel Pêcheux o faz. Para isso, iremos rastrear as influências que tal filósofo sofreu e deixou, os autores com os quais estabeleceu diálogo para fundamentar sua teoria e a trajetória como desfez seus livros, indagando-nos sobre os efeitos de evidência em torno da teoria e da análise.

### Análise do Discurso como disciplina: surgimento, matrizes teóricas, rupturas

“[...] é o ponto de vista que cria o objeto” (Saussure, 2006, p. 15)

A Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux nos meados dos anos 60 do século XX, na França, pode ser lida, se não de uma forma direta e explícita, de forma indireta e implícita, como uma das respostas produzidas ao acontecimento de Maio de 68. A conjuntura sócio-histórica da França, em especial, da Paris de 1968, era composta de uma espécie de fúria estudantil contra os valores tradicionais e a favor da “liberdade” (de pensamento, de expressão), em prol da conquista dos direitos das minorias (trabalhadores, mulheres, homossexuais, não-brancos, etc), da reforma do ensino nas Universidades, etc., em confluência com a postura crítica dos formadores de opinião, pensadores dos mais diversos campos do saber que sustentavam algo de novo, especialmente nas Universidades, e que faziam uma contraposição aos Psicologismos, Sociologismos, Logicismos e empirismos gerais da ciência positivista vigente na época. Um dos efeitos dessa parceria nas oposições (de estudantes, trabalhadores, alguns professores, alguns políticos) ao poder vigente, pode ser lido no “estruturalismo triunfante” (Carvalho, 2008), que propunha uma releitura sobre a estrutura que constituía o mundo e as coisas e não propriamente seu conteúdo, este seria, então o princípio do ponto de vista que permitiu advir um objeto e os dizeres sobre ele: o discurso, como efeito de linguagem, com sua materialidade linguística, histórica e permeado de inconsciente (Pêcheux, 2011f).

Ferdinand Saussure, como pai da lógica estruturalista, alçou a Linguística à ciência, e com ela a possibilidade de analisarmos a língua em sua materialidade, como uma parte social da linguagem que localizamos “na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva vem associar-se a um conceito” (Saussure, 2006, p. 22). Porém, suas observações para o que fura nesse sistema estrutural ficaram clandestinas historicamente por muitos anos, como um fantasma a sujar a reputação do mestre genebrino, chegando-nos pela via dos Escritos saturninos de Saussure, nos quais ele reconhece anagramas nos jogos de letras e palavras. A forma de trabalhar no Cours foi a que afetou teóricos como Claude Lévi-Strauss, Foucault, Lacan, Althusser, Barthes, e muitos outros. Não nos interessa categorizar autores, aqui, em estruturalistas ou pós-estruturalistas, mas apenas localizar a conjuntura que possibilita a invenção de uma nova teoria, o surgimento da Análise de Discurso proposta por Michel Pêcheux, já que ele beberá da fonte de alguns desses nomes próprios supracitados e considerando sua preocupação epistemológica com relação à Linguística até o fim de sua obra (Pêcheux, 2011b, 1998, 2011f). Uma matriz teórica importante e explicitamente referida, portanto, foi Saussure.

Outra importante herança teórica legada a Michel Pêcheux foi o pensamento fervilhante de

Louis Althusser (1976), que, com seu profundo reconhecimento aos nomes próprios de Nietzsche, Marx e Freud, faz aflorar uma (re)leitura crítica, política, e advertida dos irrompimentos inconscientes na linguagem, em toda uma geração de pensadores da Paris dos anos sessenta. Althusser e cols. (1976) embarca na proposta lacaniana de retornar aos textos fundadores, indo a Marx e Freud, principalmente, o que deslocou toda uma ciência dita “Humana” em vigor na época, que tendia a teorias que tamponavam o furo que nos constitui humanos. O estruturalismo, nesse sentido, destampa o olhar sobre o humano e sustenta o furo como essencial, é o que encontramos nas obras (não todas) de Roland Barthes, Michel Foucault, Claude Lévi-Strauss, Jacques Derrida dentre tantos outros.

Podemos especular que é também pela acolhida que Althusser dá à transmissão do ensino de Lacan na Rue D’Ulm, recém-expulso da Sociedade Francesa de Psicanálise, em 1964, que Pêcheux, recém-formado (na ENS, na Rue D’Ulm), encontra Lacan, no sentido amplo do termo, o que vai ressoar principalmente na terceira época de seus trabalhos (Pêcheux, 2011f), ainda que de forma indireta ou implícita muitas vezes. Lacan naquele período, ainda em 1964, recorria à Linguística para falar sobre linguagem (não só pelo viés de Saussure, mas também pela trilha de Jakobson e Benveniste), elaborar sobre a rede dos significantes, sobre o significante em primazia ao significado, sobre o sujeito entre significantes, sobre o inconsciente freudiano diferenciando-o do lacaniano, sobre a “Sexualidade nos desfiles do significante” (1998, p. 142), sobre a relação do desejo com a linguagem (“A função do desejo é resíduo último do efeito do significante no sujeito”, Lacan, 1998, p. 147), enfim, uma gama de assuntos tratados nesse seminário e que podemos acompanhar suas ressonâncias no percurso (escrito) pecheutiano que se traçaria a partir dali. Palavras pulverosas calcavam os salões onde se dava esse ensino, em conferências baseadas no retorno a Freud, com apoio na Linguística, na Medicina, nas Artes, na Filosofia, etc.

Althusser, que foi ativo leitor de Freud e interlocutor-leitor-amigo de Lacan, não só frequentou, junto aos seus alunos da ENS esse seminário de Lacan, sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, como escreveu um artigo intitulado “Freud e Lacan” publicado também no ano de 1964 (Carvalho, 2008). Foi autor de livros como o Lire Le Capital (1965), obra que ressoará fortemente em Pêcheux na leitura althusseriana de Sigmund Freud:

É a partir de Freud que começamos a suspeitar do que escutar, logo o que falar (e calar), quer dizer; que este ‘querer dizer’ do falar e do escutar descobre, sob a incênia da palavra e da escuta, a profundidade assinalável de um duplo fundo, o ‘querer dizer’ do discurso do inconsciente - esse duplo fundo de que a Linguística moderna, nos mecanismos de linguagem, pensa os efeitos e as condições formais (Maldidier, 2003, p. 18)

É esse olhar/escutar que suspeita daquilo que olha/escuta, um olhar estrangeiro, estranhador, uma escuta que faz alteridade, desconfiada sobre as palavras, sobre o discurso e seus possíveis efeitos de sentido que veremos ao longo da construção teórica de Pêcheux. Aqui temos um nó que interlaça/entrelaça AD e Psicanálise: o projeto freudiano leva a cabo a suposição do inconsciente, que faz ruir por terra toda ilusão de que no *eu* há o controle, há a transparência, a obviedade. Para a Psicanálise, o óbvio não é óbvio, é passível de um olhar estranhador, estrangeiro, que o coloque em seu lugar de opacidade, revelando outros sentidos na cadência de uma cadeia de dizeres móveis e fluidos da discursividade. E é pelo viés de um olhar questionante, estrangeiro, ou de uma escuta afinada aos (des)afinos que poderemos estranhar o já naturalizado e ressignificar os sentidos. Nesse ponto, portanto, Pêcheux se distancia da Linguística clássica, que tomava o sujeito como um senhor do seu dizer, como sujeito da inteligência, da vontade, centrado, e parte para a categorização do sujeito discursivo como uma forma-sujeito, um sujeito dividido, errante, que é interpelado ideologicamente porque é habitado pelo inconsciente, desde seu ingresso na linguagem (Pêcheux, 1975).

Para Pêcheux (1990), que inscreveu a Análise do Discurso na tensão entre a Linguística e a História e se constituiu, portanto, ao longo de sua construção em um campo baseado (mas não simbiotizado) em três grandes pilares teóricos, a saber: Materialismo Histórico (Marx e Althusser), Linguística (Saussure) e Psicanálise (Freud e Lacan). A partir dessas bases, o autor realizou tessituras e rompimentos conceituais, engajamento e crítica, filiação e desprendimento, para as quais lançava “questões delas para elas mesmas” (Maldidier, 2003), refletindo de um outro lugar e utilizando-se de muito esforço e argumentação para chegar à singular composição de sua teoria, a Análise do Discurso. Em seus dizeres em coautoria com Fuchs (Pêcheux e Fuchs, 1990, p. 163-164):

1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. A linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Com vêm explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica).

Graduado, Pêcheux passou a lecionar filosofia e, com o apoio de Canguilhem, ingressou como pesquisador no Laboratório de Psicologia Social, em 1966, no Centre National de Recherche Scientifique (CNRS) onde se orientou “para a história das ciências e a epistemologia” (Maldidier, 2003, p. 17) e refletiu sobre a filosofia do conhecimento empírico, focalizou o sentido, “que é o ponto nodal no qual a Linguística intersecta a Filosofia e as Ciências Sociais”, reorganizando esse campo do conhecimento (Orlandi, 2005, p. 10). De seu encontro com Paul Henry e Michel Plon, Pêcheux estabeleceu uma interlocução que foi fundamental para a formulação do projeto da Análise de Discurso, conhecida também por “Comuna dos três amigos”, que ansiava pela construção de uma espécie de Cavalo de Tróia que pudesse romper e transformar as Ciências Sociais. Foi no bojo do seminário HPP, formado pela tríade de Michel Pêcheux, Michel Plon e Paul Henry, que Pêcheux apresentou pela primeira vez o significativo trabalho intitulado “Só há causa do que falha”, dias 21 e 28 de março de 1978, e que seria traduzido e publicado muitos anos depois (graças à Denise Maldidier esse artigo entra em sua coletânea “L’inquiétudedudiscours” publicada em 1990 e aparece como adendo na tradução inglesa de “Les Verités de La Palice”, de 1982, e 1988 da versão brasileira, tal qual a temos hoje publicada como anexo do “Semântica e Discurso”). Sobre essa passagem, Carvalho (2008) disserta em sua tese citando Michel Plon falando sobre a época, que era: “[...] como se Pêcheux estivesse em uma espécie de além interdito, como se 1978 as coisas ditas nesse texto só pudessem ser ditas subterraneamente, em uma espécie de clandestinidade”. (Carvalho, 2008, p. 106)

O zelo com as palavras, no entanto, era uma marca de Pêcheux que apareceu desde o início de sua escrita acadêmica, quando se utilizava de pseudônimos para revelar percursos de seu pensamento e movimento reflexivo diante de suas inquietações. Em 1966, Pêcheux publica seu primeiro artigo, na revista Cahiers pour l’analyse sob o pseudônimo de Thomas Hebert, que trata da “epistemologia das ciências sociais e de uma teoria geral das ideologias.” (Gregolin, 2006, p. 61)

Zandwaiss (2009) rememora esse início da vida intelectual do autor, afirmando que Pêcheux partiu das concepções epistemológicas dominantes no campo das Ciências Sociais (CS) e Humanas, em 1966, com o pseudônimo de Thomas Hebert, para questionar as fronteiras limitadas nesse campo, que, na época, fazia ecoar uma visão alienada da desigualdade social, a qual permeava as condições de produção das práticas políticas, sociais, ideológicas, teóricas, técnicas, etc, nas pesquisas das Ciências Sociais (CS). Foi quando Pêcheux escreveu um texto crítico intitulado: Reflexões sobre a Situação Teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social (2011e), na tentativa de baliar o Campo das Ciências Sociais de um estatuto positivista, que desconsiderava o contexto, a linguagem, baniu a subjetivação do sujeito nas relações de poder, desigualdade e confronto, e, para isso, ele estabeleceu uma tipologia de práticas (prática técnica, política, científica, etc.), na tentativa de rever-

ter o caráter de abstração das CS, e buscar outro paradigma.

Já nesse início de escrita, Pêcheux (2011e) aciona nomes como Spinoza, Marx, Nietzsche, Freud, Lacan, Althusser, Engels, e termos como real, simbólico, recalque, “[...] cegueira neurótica do sujeito” (Pêcheux, 2011e, p. 39), “[...] “escuta analítica” da prática freudiana” (Pêcheux, 2011e, p. 53), dentre outros, deixando vestígios de seu per-curso a ser feito a partir dali. A Psicanálise, portanto, também esteve presente desde o começo de sua escrita acadêmica, o que pouco se ouve/lê, e serviu-lhe de tear para tecer críticas a “prática filosófica idealista, de um lado, e a prática técnica empírica de outro”, para quem o “sujeito humano é o que ele pensa, diz e faz” (Pêcheux, 2011e, p. 40). Ao propor uma nova forma de trabalhar cientificamente visando à transformação no processo de produção científica, Pêcheux propõe um rigor teórico: o de que a ciência fale, enuncie seu objeto, mas também que isso não baste e que ela também “se ouça falar” (Pêcheux, 2011e, p. 49). Uma nova proposta é feita em seguida às críticas, dar uma “escuta social” (p. 53) ao discurso, considerando todos os riscos implicados nesse tipo de “aventura”: “uma ciência em estado nascente” é então uma “aventura teórica”, para retomar a palavra de Althusser: “o acesso ao objeto é obtido por caminhos ainda não trilhados, onde os passos em falso não são excluídos” (Pêcheux, 2011e, p. 47).

A partir da conjuntura francesa já comentada anteriormente, esse objeto, o discurso, ganhou ênfase em diversos estudos em 1969: o discurso, passou a ser pesquisado por Jacques Lacan (Seminário 17: o avesso da Psicanálise), Michel Foucault (A arqueologia do Saber), Zelig Harris (artigo “Discourse Analysis”), Dubois (artigo de 1952 traduzido para o francês em 69: “Analyse du discours”), e Pêcheux (Análise Automática do Discurso, ou AAD69), dentre outros (Carvalho, 2008). Nessa época, uma outra matriz teórica afeta profundamente Michel Pêcheux: o materialismo histórico, nascido em Marx, mas transferido pela voz e releitura de Louis Althusser (remetemos o leitor às obras de 1980, 1996), que irá apresentar-se como lentes com as quais Pêcheux irá se debruçar sobre o discurso. Pêcheux (1969-1983), nessa tessitura, emprega ao discurso o estatuto de “um verdadeiro nó” (Maldidier, 2003, P. 15), que “permite analisar a textualização do político” além da “política da língua que se materializa no corpo do texto, ou seja, na formulação, por gestos de interpretação que tomam sua forma na textualização do discurso” (Orlandi, 2005, p. 10). Para Carvalho (2008, p. 17):

Podemos tomar como marco deste contexto o ano de 1969. Neste ano, ocorre uma curiosa confluência de distintos projetos, todos eles de alguma forma centralizados em torno da noção de “discurso”: a publicação, por Michel Foucault, de *A Arqueologia do Saber*; a publicação, por Michel Pêcheux, de *Análise Automática do Discurso*; o *Seminário 17, O avesso da Psicanálise*, proferido por Jacques Lacan, no qual o psicanalista formaliza a sua teoria dos quatro discursos.

O estatuto de nó dado ao discurso tem a ver com essa confluência, já que Pêcheux visava nessa época a construir um dispositivo teórico-metodológico que desse conta do entrelaçamento entre história, língua e sujeito. O “estruturalismo especulativo” (Carvalho, 2008, p. 19) representa um conjunto de iniciativas que visavam questionar o “corte saussuriano entre língua e fala, reintroduzindo as questões concernentes ao sujeito e à história que haviam sido rechaçadas pelo tratamento formalista do objeto da linguística” (Carvalho, 2008, p. 19), o que fazia balizar simultaneamente o sujeito do psicologismo e do sociologismo tão em voga nos anos sessenta (um sujeito centrado e detentor dos sentidos), desde o pós-guerra, com o “apoio em Saussure e no método estrutural” (Carvalho, 2008, p. 19). Nesse percurso, Pêcheux partiu d’ A Ideologia Alemã, com sua concepção idealista de influência hegeliana, que pensava a ideologia em oposição à ordem do real, como uma inversão deste último na consciência humana: “[...] tomar a ideologia em oposição à ordem do real implicava pensar suas condições de existência, ou apartadas da ordem da história, ou de uma concepção de ciência, trabalhando, assim, teoricamente, sob o ângulo do positivismo que ele buscou, de modo incessante, combater.” (Carvalho, 2008, p. 17)

Malidier (2003) enfatiza o polo referencial fundamental para o autor nesse seu período de aprendizagens, que foi mesmo Louis Althusser. Este lhe impactou com seu pensamento político (tão caro à teoria do discurso ainda por vir nesse momento histórico) e com sua reflexão sobre a obra marxista. Destacamos como uma de suas propostas mais conhecidas, “a proposição do corte epistemológico operado por Marx e sua consequente abertura de uma nova disciplina para o conhecimento humano: o continente História” (Gregolin, 2006, p. 36). Foi no final dos anos 60 do século XX, mais precisamente no referido ano de 1969, que o autor escreveu uma verdadeira “máquina discursiva” intitulada “Análise Automática do Discurso”, conhecida também pela expressão AAD69, e que serviu para ele como um “laboratório de uma teoria do discurso ainda por vir” (Malidier, 2003, P. 19), em que questionou conceitos até então estabilizados/estabelecidos como o de texto, sentido e leitura, inaugurando a constituição de uma nova teoria e de um objeto original que é o discurso, nessas condições-de-produção. Essa obra de Pêcheux marca seu primeiro momento de ensino e pesquisa. Quanto à AAD69, o livro inteiro trata desse novo postulado, “enquanto teoria geral da produção dos efeitos de sentidos, que não será nem o substituto de uma teoria da ideologia nem o de uma teoria geral da produção dos efeitos de sentidos, que não será nem o substituto de uma teoria da ideologia nem o de uma teoria do inconsciente, mas poderá intervir no campo destas teorias (texto I).” (Malidier, 2003, P. 21)

Referia-se, sob o vocábulo “Tríplice Entente”, aos nomes de Marx, Freud e Saussure, vanguardistas por excelência de teorias do impossível, cada qual em seu campo de saber: Materialismo Histórico, Psicanálise e Linguística, respectivamente. A formulação da “máquina discursiva” foi uma tentativa polêmica, como podemos ler em uma crítica de Lacan (2003) feita em seu Seminário XIX, em que supomos/deduzimos a referência indireta aos analistas do discurso daquela época:

É a máquina que eu desmonto. Mas, faço a observação para o uso de alguns, não é para demonstrar que é uma máquina, menos ainda para que um discurso seja tomado como uma máquina, como fazem alguns, justamente por quererem engatar sobre o meu, de discurso. Em que, o que eles demonstram é que não engatam no que faz um discurso, isto é, o real que aí passa necessariamente (Lacan, 2003, p. 11)

Em uma lição de 17 de dezembro de 1969, Lacan já comenta ironicamente sobre a possibilidade de uma “máquina eletrônica” que oferecesse respostas prontas ao analista que lhe retirasse um ticket (1992, p. 35). Esse significante “máquina” nos remete à construção pecheutiana da AAD69. Interpretamos assim, dois exemplos de como as teorias, AD e Psicanálise, representadas no discurso de Pêcheux e Lacan, tocaram-se nesse momento histórico, assim como em vários outros momentos, mais em sentido de desenlaces do que o inverso. Enquanto leitoras desses autores, ficamos sem respostas a perguntas como esta: a referência indireta à Lacan, feita ao longo da escrita pecheutiana, sofreria os efeitos destas duras críticas de Lacan?

Retomando a cronologia desses escritos de Michel Pêcheux, dentre textos apresentados e publicados esparsamente em diversas revistas e encontros científicos, é somente em 1975 que ele publica uma obra de fôlego, o “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”, originalmente “LesVérités de La Palice”, marcando a inauguração de uma segunda fase de sua teoria discursiva, considerado por Malidier (2003) seu livro mais importante propondo uma teoria materialista do discurso. É nesse livro que encontramos o par conceitual inconsciente-ideologia, em momento mais reflexivo e maduro de Pêcheux, com várias referências a Freud:

Essas duas categorias, como se sabe, não se encontram aqui por acaso. Sabe-se também, que sobre esse ponto e a despeito de importantes pesquisas recentes, *o essencial do trabalho teórico* ainda permanece por fazer [...]. De fato, não pode

gio

mos mascarar por meio de fórmulas a ausência, cujo peso é grande, de uma articulação conceptual elaborada entre *ideologia* e *inconsciente*: estamos ainda no está-dos vislumbres teóricos penetrando a obscuridade [...] (Pêcheux, 2009a, p. 138)

Mas estas categorias se encontram em sua forma de funcionamento, ao “[...] dissimular sua própria existência no interior do mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências subjetivas, devendo entender-se este último adjetivo não como “que afetam o sujeito”, mas de forma mais visceral, “nas quais constitui o sujeito”” (Pêcheux, 2009a, p. 139). É ainda nesse texto, que Pêcheux (Pêcheux, 2009a) conjuga ideologia com inconsciente na seguinte analogia: “[a] Ideologia é eterna” (omni-histórica) – enunciado esse que faz eco à expressão de Freud: “o inconsciente é eterno” (Pêcheux, 2009a, p. 138).

Essas e outras inquietações e questionamentos contribuíram para o gradual ordenamento da teoria do discurso que se formava, colocando-a em uma nova perspectiva, sob um novo paradigma. Foi principalmente durante o período que abrange 1975 a 1980 que Pêcheux realiza esta construção teórica rompendo com as demais teorias sobre o discurso. Uma das importantes atividades de Pêcheux nessa época foi o já comentado Seminário intitulado “Pesquisas sobre a teoria das ideologias”, em que ele juntamente a Paul Henry e Michel Plon (conhecido por Seminário HPP) proferiram suas reflexões acerca da banalização de termos como “ideologia”, “inconsciente freudiano” e “primado da luta de classes” e debateram as questões que se teciam no encontro (desencontro/confronto) “da língua, da psicanálise e da política”. Isso durante os três anos e meio que aconteceu o HPP, entre 1976 e 1979. Interessante retomar alguns nomes que circulavam nesse seminário fomentando o debate, como a psicanalista Elizabeth Roudinesco (com quem Michel Plon escreveria e publicaria em 1998 o importante e renomado “Dicionário de Psicanálise”), Françoise Gadet, Denise Maldidier, Jean Claude Milner, dentre muitos outros (Maldidier, 2003).

É notável a diferença textual e discursiva de Michel Pêcheux entre 1976-1977, período das tentativas, e 1978-1979, período com ênfase na política, em que ele “conduz resolutamente a batalha teórico-política contra o reformismo” (Maldidier, 2003, p. 57). A Linguística estava em plena crise por causa das divergências entre o logicismo chomiskiano [“inscrita na evolução da gramática gerativa” (Maldidier, 2003, p. 58)] e sociologismo [“ilustrada pelo desenvolvimento da sociolinguística” (Maldidier, 2003, p. 58)], acerca das questões da língua e do sujeito. Michel Pêcheux compartilhava do posicionamento de Françoise Gadet na crítica sobre a sociolinguística, tomada por eles como “lugar de recobrimento da política pela psicologia” (Maldidier, 2003, p. 59), marcando em que ponto a AD não poderia ser parte dessa teoria que falava em “sujeito individual, coletivo, comunicação intersubjetiva” (Maldidier, 2003, p. 59). Nos meados de 1977, 1978, entra em voga um debate acerca de um novo corte epistemológico na leitura da Análise do Discurso francesa, que teve início em uma exposição intitulada “Ler Volochinov”, de Bernard Gardin, e que, segundo Maldidier (2003, p. 60):

V.N. Volochinov tenta pensar a unidade da língua na luta de classes e designa à teoria marxista a tarefa de apreender os fenômenos ideológicos através do estudo das formas da linguagem e do discurso (op. cit., p. 59) e continua: Pela crítica ao “objetivismo abstrato” de Saussure, Volochinov tende a anular a dimensão própria da língua [...] ele conduz à fusão da Linguística em uma vasta semiologia.

Retomemos esse trecho de embates para não nos esquecermos do fervor teórico dessa época na França, e o posicionamento de Pêcheux na contramão de mais uma onda: para ele, o legítimo corte epistemológico foi o de Saussure: “Em torno do corte saussuriano continuam a se ligar, para ele, o jogo do formalismo e do sujeito, a possibilidade de pensar a singularidade do sujeito na língua assim como a articulação entre a língua e o inconsciente.” (Maldidier, 2003, p. 60)



Em 1977, Pêcheux faz uma comunicação intitulada “Remontemos de Foucault a Spinoza” em um simpósio no México. Ele trabalha a partir de uma leitura althusseriana, ou seja, uma leitura materialista de Spinoza, um paralelismo filosófico entre esses dois autores, e conclui “Spinoza avança onde Foucault permanece hoje um pouco bloqueado” (Maldidier, 2003, p. 64), apontando para pontos em que eles se coincidem e se diferem. Enquanto Spinoza em seu tempo fez um esboço de uma teoria materialista das ideologias, Foucault ignora a questão da contradição, tema que Pêcheux irá explorar em direção às formações discursivas, tomando o termo emprestado a Foucault, porém, com um emprego bem distinto: “Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. (Pêcheux, 2009a, p. 160, grifos do autor). Acrescentaríamos também que o sentido muda também de acordo com o lugar de quem escuta a palavra, imprimindo ao discurso sua marca - qualquer que seja ela, de aceitação, rejeição, espanto, concordância, discordância, etc, o que aponta para as aparentes contradições e equívocos no discurso daquele que o enuncia em diferentes épocas, ou mesmo para a polissemia de quem escuta/lê o discurso proferido/escrito, em uma perpétua/permanente negociação de sentidos.

Por mais que se esforce em fechar os sentidos, controlá-los, usufruir do lugar de autor, o sujeito do discurso - que enuncia e/ou que o escuta - pode furar o esquema linguageiro, composto de “palavras porosas” (Authier-Revuz, 1998, p. 26), que não serve (só) para comunicar, apesar dos esforços para um sujeito “que é sujeito a ser falante” fazer seus jogos com “estratégias interativas em espelho” (Authier-Revuz, 1998, p. 27), dado à polissemia, mas para transmitir parcialmente as ideias em uma constante negociação, dados sua heterogeneidade e atravessamentos. É porque a língua(gem) serve para comunicar e não comunicar (Pêcheux, 2009a), portanto, que a singularidade se faz possível, pois na tentativa de uma travessia de sentidos, o silêncio constituinte, a hiância inconsciente se fazem presentes, e assim, a paráfrase pode ganhar novos contornos e deixar de sê-la, na cadeia metafórica/metonímica. A história de cada um, nesse eixo de pensamento, é singular, irrepetível, intransferível, e sua leitura de mundo e sua interpretação de sentidos, é também única. Isto se ilustra como metáfora nas/pelas palavras de Cecília Meireles na poesia “O Vento” em que ela instala o seguinte verso: “O vento é o mesmo, mas sua resposta é diferente em cada folha” (Meireles, 1983).

Na Análise de Discurso pecheutiana, a ideologia não podia ser pensada como um bloco homogêneo, assim como as formações discursivas (FDs), que foram concebidas como divididas, abarcando a questão da contradição da seguinte forma:

a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura da desigualdade-subordinação do ‘todo complexo com o dominante’ das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes. (Pêcheux, 2009a, p. 147).

O que anuncia a noção de heterogeneidade citada acima, que é um elemento que possibilita a transformação no campo das tensões e negociações que constituem os sentidos, a contingência da heterogeneidade que rompe com a reprodução de/dos sentidos como já anotamos anteriormente. Com a virada da conjuntura teórico-política, marcada pela crise no marxismo, muitas mudanças e avanços se deram neste campo de estudos, e Pêcheux, apesar de se manter firme com relação à questão do sentido, vai se voltar para o materialismo histórico no confronto com a Psicanálise, o que se evidencia em seu texto “Só há causa daquilo que falha”, escrito no começo de 1978 em que evidencia a questão das resistências, das ideologias dominadas. Sob o patrocínio de Lacan, vemos um retorno crítico sobre a questão do sujeito que não deveria ser reduzido ao eu, apresentado no seminário HPP em março de 78: “[...] levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha, eis preci-

samente algo que falha em *Les Verités de La Palice*” (2009b, p. 276)<sup>1</sup>. Este anexo foi acrescido à versão inglesa do texto peuchetiano “*Verités de la Palice*” (1982) e no português “*Semântica e Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio*”.

Nesse período pós-*Les Verités*, um outro caminho será percorrido até desembocar nos impasses mais sérios da obra pecheutiana: ele publica “Discurso: estrutura ou acontecimento?” (1983), o texto “Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em Psicologia” (2011d), “Metáfora e interdiscurso” (2011c), “Especificidade de uma Disciplina de Interpretação (A Análise de Discurso na França)” (2011a), autoriza a publicação do comentado texto de auto-retificação “Só há causa para o que manca” (1983), e escreve uma formidável obra em parceria com Françoise Gadet, “*La langue Introuvable*” (publicado em 1991), dentre tantas outras publicações que compõem essa terceira época de escritos e que trilham por um desassossegado (e belo) percurso que tem seu fim com a interrupção radical de Pêcheux, com sua ida sem volta ao Senna. Nesse período de publicações, compreendido entre 1976, aproximadamente, e 1983, ano de sua morte, Pêcheux reformula as questões centrais da metodologia e da teoria da AD, sustentando até o fim seu posicionamento político diante da linguagem, do discurso, do sujeito. É latejante o pulsar teórico sobre a contradição, paradoxo lógico, antagonismos, transformação, opacidade da língua(gem),etc, como ilustramos com este recorte de “Língua inatingível” (Gadet, Pêcheux, 2011, p. 97):

Objetos ideológicos como o trabalho, o prazer sexual, a natureza, a ciência ou a razão não podem receber o status de objetos lógicos e formais (se considerarmos a lógica, aqui como uma disciplina de comunicação unívoca). Esses objetos apenas existem como relações de forças historicamente móveis, como movimentos flexíveis que são surpreendentes por causa do paradoxo que eles possuem. Esses movimentos funcionam como unidades divididas [...]

Posteriormente, chega-nos, para além de uma época das tentativas, como um vislumbre teórico-metodológico de um trabalho que teria sua continuidade na ampla disseminação do grande pensamento de Michel Pêcheux no Brasil, especialmente, um pensamento que reflete a potência e as potencialidades de renovação(ões) do trabalho de análise, de leitura, de interpretação. Herdamos um modo de refletir sobre a linguagem, e especialmente, sobre o discurso, que conjuga de forma singular os nós dos fios históricos, linguísticos e psicanalíticos, o que nos deixa em posição do desconforto do autor, pois é um trabalho hercúleo se meter nos entremeios e lutar pela metáfora (Gadet, Pêcheux, 1991), mas nos dá a oportunidade única de uma inscrição muito singular nas Ciências (Humanas e Sociais) através das lentes pecheutianas.

## Referências

- Althusser, Louis. (1996). *Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado (Notas para uma investigação)*. In: Zizek, Slavoj (Org.). *Um Mapa da Ideologia*. (1ª edição) Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Althusser, Louis. (1980). *Ideologia e Aparelhos ideológicos de estado (Notas para uma investigação)*. (3ª edição) Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença.

<sup>1</sup> Preferimos a tradução presente na obra de Denise Maldidier à tradução feita no anexo de *Semântica e Discurso*, onde lemos a (equivocada?) Tradução: eu por ego, o que demarca nosso posicionamento de leitura de acordo com a psicanálise lacaniana e de como ela define um e outro conceito, diferente da tradução inglesa da obra freudiana feita pela Standard Edition no Brasil para quem há uma con/fusão entre ego e eu. Em Maldidier a citação referida está da seguinte forma: “Tomar muito a sério a ilusão de um eu-sujeito-pleno onde nada falha, eis precisamente algo que falha no “*Semântica e Discurso*” (Pêcheux apud Maldidier, 2003, p. 65).

- Althusser, Louis; Lacan, Jacques; Reich, Wilhelm; Lourau, René; Gantheret, Françoise; Caruso, Igor. (1976). *Psicanálise – factores sócio-políticos*. (2ª edição) Coleção Substância. Porto, Portugal: Edições RÉ S limitada.
- Authier-Revuz, Jacqueline. (1998). *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. (1ª edição) Campinas: Editora da Unicamp.
- Carvalho, Frederico Z. Feu. (2008). *O sujeito no discurso: Pêcheux e Lacan*. Tese, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal.
- Gadet, Françoise; Pêcheux, Michel. (2011). A Língua Intangível. In: Pêcheux, Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. (1ª edição) Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores.
- Gregolin, Maria Rosário. (2006). *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. (2ª edição) São Carlos: Editora Claraluz.
- Lacan, Jaques. (1998). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (1ª edição) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, Jaques. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. (2ª edição) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Ary Roitman Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, Jaques. (2003). ... *Ou pior. Seminário 19. Publicação interna da Associação Freudiana Internacional*. Editoração Giuliano Rodrigues. (2ª edição) Tradução: Andrea Tenório Diniz Gonçalves, Deane Pontes Fiúza, Denise Coutinho, Maria Auxiliadora Mascarenhas Fernandes (coordenadora), Michel Colin. Salvador: Espaço Moebius de Psicanálise.
- MALDIDIER, Denise. (2003). *A Inquietação do Discurso:(Re)ler Michel Pêcheux hoje*. (1ª edição) Campinas: Pontes.
- Meireles, Cecília. (1983). O vento. In: Meireles, Cecília. *Mar absoluto/ Retrato Natural*. (2ª edição) Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. (p. 156)
- ORLANDI, Eni Puccinelli. (2005). *Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. Estudos da Língua (gem)*, Vitória da Conquista, n.1, p. 9-13, jun.
- Pêcheux, Michel. (1990). Análise Automática do Discurso. In: Gadet, F.; Hak, T. (Org). *Por uma análise automática do discurso*. (1ª edição) Campinas, Editora da Unicamp.
- Pêcheux, Michel. (2011a). Especificidade de uma Disciplina de Interpretação (A Análise de Discurso na França). In: \_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. (1ª edição) Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores.
- Pêcheux, Michel. (2011b). Há uma Via para a Linguística Fora do Logicismo e do Sociologismo? In: Pêcheux, Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. (1ª edição) Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores.
- Pêcheux, Michel. (2011c). Metáfora e interdiscurso. In: Pêcheux, Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. (1ª edição) Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores.
- Pêcheux, Michel. (2011d). Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em Psicologia. In: Pêcheux, Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. (1ª edição) Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores.
- Pêcheux, Michel. (2011e). Reflexões sobre a situação teórica das Ciências sociais e, especialmente, da Psicologia Social. In: Pêcheux, Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. (1ª edição) Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores.

- Pêcheux, Michel. (2009a). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (4ª edição) Tradução: Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp.
- Pêcheux, Michel. (2009b). Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: Pêcheux, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (4ª edição) Tradução: Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp.
- Pêcheux, Michel. (2011f). Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso. In: \_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. (1ª edição) Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores.
- Pêcheux, Michel e Fuchs, Catherine. (1990). A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: Gadet, F.; Hak, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. (1ª edição) Campinas: Editora da Unicamp.
- Roudinesco, Elizabeth; Plon, Michel. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. (1ª edição) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Saussure, Ferdinand. (2006). *Curso de Lingüística Geral*. (2ª edição) São Paulo, Editora Cultrix.
- Zandwaiss, Ana. (2009). *Perspectivas da Análise do Discurso Fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso*. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 50 p.; Série Cogitare; v. 8.

- Submetido em: 17/02/2018
- Aprovado em: 14/07/2018